

Título: **DE VERONA, COM AMOR**

Autora: Amélia Sandra Bogas Holden

Há uma estátua de Julieta em Verona,
onde mãos incontáveis tocaram seus seios.
No bronze gasto do seu corpo,
brilham, reluzentes.

Observo um homem de braços peludos
tocá-la com um sorriso aberto.
Embora o sol brilhe,
vejo o clarão das câmaras,
ouço, mesmo sem som,
o clique dos obturadores.

Os conservadores lutam por resgatá-la,
preservar o orifício que cresce no seu mamilo.
Mas, por agora,
ela permanece sob a varanda da sua casa,
onde filas se estendem por horas
por um toque,
por amor,
por uma fotografia.

Atrás de mim, americanos queixam-se:
está calor,

a água é cara,
a loja de presentes vende lembranças banais,
caras e inúteis —
mas, por alguma razão, gosto delas.

Aqui, até o amor tem um preço.
Compro um postal kitsch,
“FROM VERONA, WITH LOVE” a arder em letras vermelhas.

Nomes rabiscados nas paredes de pedra:

Inês ama Rafael,
Clara ama Tiago,
Marta ama Francisco.

É proibido.
Mil euros de multa por um instante de esperança.
Mas... e se desse certo?
Se escrevesse o meu nome ao lado do Alexandre,
tudo ficaria bem outra vez?
O que são mil euros comparados ao amor?

No meu bolso,
uma caneta cor-de-rosa com borracha na ponta -
feita para apagar,
como os erros que tento esquecer no meu diário.

Seguro-a por um momento.

Fina demais para marcar a pedra,
frágil demais para deixar marca.

Guardo-a.

E poupo mil euros.

Passear por Verona é romântico
e nada romântico ao mesmo tempo.

Estou com o homem errado.

Ou melhor,
não estou com o meu homem de todo.

Fico em Itália durante um mês
a ensinar inglês ao André,
um homem de quarenta e poucos anos,
casado,
que não quer aprender —
apenas conversar,
mais interessado em preencher o silêncio
do que em me ouvir.

Não é bonito,
e pergunto-me se sou superficial
por gostar de artifício:
jóias, jogos.

Enquanto o André fala,
as suas palavras flutuam sem me tocar.
E penso, com uma certeza silenciosa:
não consigo recusar uma oportunidade
de estar nalgum lugar,
qualquer lugar,
longe de mim mesma, talvez,
mas perto de algo que ainda procuro.

No meio das ruas de pedra,
vejo um grupo da minha idade,
um sopro de juventude a vibrar no ar quente da noite.
Digo que devemos segui-los.

Encontramo-nos numa praça
onde a cidade ferve em expectativa —
um burburinho de vozes,
cerveja fresca e aveludada,
a luz amarela dos candeeiros.

Ele monta um saxofone,
testa algumas notas,
os dedos a deslizarem sem esforço pelo latão.
A cena reflete-se no corpo do instrumento:
um panorama de pessoas à espera de música.

Um olhar breve,
sorriso subtil.

A amiga do acaso
dança comigo como se a conhecesse há anos —
o perfume a dançar entre nós:
flores de laranjeira, figos maduros,
bergamota.

Está numa banda,
oito deles,
de calções de praia,
na brincadeira.

Sinto que me olha —
procuro confirmação na expressão da minha nova amiga,
deixo o som atravessar-me os ossos.

Depois do concerto, ele vem ter comigo.
Pergunto o nome da banda.
Sei que estou bêbada porque falo em círculos.
Ele fica.
Quando digo que pode juntar-se aos outros,
ele escolhe ficar.

Pergunto por que me olhava tanto.

Ele diz que não usa óculos para tocar,
mas viu o meu cabelo loiro na multidão,
os meus óculos espelhados a captarem a luz —
um jogo de brilhos.

Durante cinco meses,
tudo o que ouço é saxofone —
cada melodia um eco invisível,
um acompanhamento silencioso que me faz pensar nele.
Mas um dia,
tão depressa como começou,
percebo que já não ouço o saxofone.